

A doença nervosa de Mário de Andrade: neurastenia e identidade

Robert Wegner*

Introdução

Em 1913, aos quase 20 anos de idade, Mário de Andrade (1893-1945) passou por uma crise nervosa. No decorrer de sua vida, o autor faria referências a esta experiência em cartas aos seus amigos mais chegados, como Manuel Bandeira, Ribeiro Couto e Carlos Drummond de Andrade. Em seus depoimentos nota-se a importância deste acontecimento no que diz respeito às suas relações familiares, sua experiência com a doença, bem como sua identidade como escritor.

Em um dos diversos momentos em que voltou aos episódios de 1913, Mário de Andrade os narrou a Rui Ribeiro Couto, em carta de 20 de janeiro de 1927:

Então se deu o estalo da minha vida. Eu estudava feito louco. Eram às vezes nove horas de estudo de piano por dia e quando não estava no piano era sempre lendo livros sobre música. Pois bem o estalo é que fatigadíssimo por um estudo exacerbado, estava completamente esgotado quando de supetão, sem mais aquela, por causa duma brincadeira de colégio, meu irmão, pouco mais moço que eu, caiu, bateu com a cabeça no cimento, houve fratura que ele não percebeu, dias depois uma meningite, e pensando na contingência dele ficar bobo toda a vida rezei pra Deus que ele morresse e ele morreu. [...] Morreu e eu sofri tanto que foi um milagre não morrer também. [...] Foi Renato o primeiro morto pra mim. A fadiga declanchou. Tive uma neurastenia negra cheia de fenômenos que muitos nem contei pra ninguém (ANDRADE, 1927).

O objetivo da minha apresentação é analisar esta doença nervosa de Mário de Andrade, que acaba por se desdobrar para além do ano de 1913, acompanhando-o até o fim da vida. Este texto pretende sustentar a hipótese de que a “neurastenia” jogou um papel importante na construção da identidade de Mário de Andrade e que, conseqüentemente, pode ser importante na análise da sua trajetória e, quiçá, da sua obra.

* Pesquisador do Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro. Doutor em Sociologia pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ).

Doença e diagnóstico

Seguindo o argumento de Charles Rosemberg, partimos da concepção de que, no mundo contemporâneo, o diagnóstico de uma doença ocupa um lugar crucial no modo pelo qual as pessoas pensam sobre si mesmas e sobre os outros. Por tão naturalizado, não percebemos este papel, que na realidade não tem mais do que 150 anos. Na medicina tradicional, as doenças eram focalizadas no sofrimento individual, existindo apenas na medida em que indivíduos estivessem doentes. Nas palavras do autor, “o corpo sempre estava em risco, mas um risco configurado em termos idiossincráticos, fisiológicos, multicausais e contingentes” (ROSEMBERG, 2002: 242).¹

Na virada do século XIX para o XX, ao lado da percepção de que doenças eram ocasionadas por seres microscópicos, a doença passou a ser compreendida como algo existente fora do corpo, como um tipo ideal abstraído de suas manifestações particulares (cf ROSEMBERG, 2002: 242-3). Assim, para o autor,

Essas teorias disseminaram metaforicamente a noção mais abstrata da entidade doença como um tipo ideal abstraído de suas manifestações particulares. Uma doença legitimada tinha tanto um curso clínico característico quanto um mecanismo que lhe era próprio (ROSEMBERG, 2002: 243).

Em outras palavras, uma doença específica passou a ter uma história que constitui uma narrativa. Contudo, o poder de entidades específicas de doenças não repousa em sua qualidade platônica, mas em sua capacidade de adquirir tessitura social e circunstancialidade, o que se dá a partir do evento do diagnóstico. Nesse plano, o momento em que uma pessoa é diagnosticada com uma doença constitui uma ruptura na sua narrativa de vida e as características específicas da doença passam a ser um dado que se impõe ao indivíduo (cf ROSEMBERG, 2002: 250).

Assim, por um lado, doenças se tornaram específicas e cada uma delas passou a ter sua narrativa particular fora dos corpos das pessoas, de forma abstrata. Por

¹ As citações extraídas do texto de Charles Rosemberg foram traduzidas por mim.

3

outro lado, elas ganham encarnação social com o ato do diagnóstico. Nesse plano, a partir desse ato, uma doença passa a constituir uma ruptura na narrativa de um indivíduo – torna-se um “estalo”, para usar a expressão de Mário de Andrade –, passando a fazer parte da identidade da pessoa diagnosticada.

Neurastenia e identidade

Mário de Andrade costumava se referir tanto a sua crise de 1913, quanto a doença nervosa que passa a lhe acompanhar pelo resto da vida como “neurastenia aguda”. Seguindo o estudo de Rafaela Zorzaneli, é possível afirmar que a neurastenia é uma doença específica que não teve vida muito longa. Sua narrativa foi curta, iniciando-se nos últimos decênios do século XVIII e se encerrando nos primeiros do século XX, inclusive por causa da psicanálise e suas explicações de caráter não fisiológico, pouco se ouvindo falar de neurastenia na década de 1930 (cf ZORZANELLI, 2010: 441). Descrita pela primeira vez em 1869, por George Beard, nos Estados Unidos, em um momento de intensa expansão econômica do país, tornou-se uma doença própria da civilização, quando a constituição nervosa do indivíduo deixava de processar todos os impulsos e influxos da vida nas grandes cidades (cf ZORZANELLI, 2010: 432). Conforme apontava Beard, “a anemia é para o sistema vascular, o que a neurastenia é para o sistema nervoso” (BEARD, 1869 – *apud* ZORZANELLI, 2010: 433). Se aquela envolvia falta de sangue, a neurastenia significava carência de “energia nervosa”.

Assim, na argumentação de Zorzaneli, resulta que,

Por herdarem uma constituição fraca dos nervos, os neurastênicos não poderiam ser curados, e por isso, deviam ser educados para viver de acordo com suas insuficiências ou neutralizá-las. Sobre a disposição hereditária incidia a necessidade de aumentar os esforços da vontade do indivíduo para superar os efeitos particulares da sua natureza (ZORZANELLI, 2010: 436-7).

A concepção de “sistema nervoso” permitia a conexão entre o físico e o moral, o hereditário e o adquirido, a fraqueza do sistema nervoso e a força de vontade. Ao estudar a noção de indivíduo entre fins do século XIX e meados do XX, Luiz Fernando Dias Duarte discute a centralidade ocupada pela categoria “nervosismo”. Segundo o autor, neste caso, o “sistema nervoso” consiste na

4

“mais alta articulação da pessoa, lugar de todos os fluxos necessários entre os centros de comando cerebrais e a periferia corporal, entre os órgãos de sentido e as sedes sensoriais, garantindo a memória, a consciência; enfim, todas as chamadas qualidades superiores” (DUARTE, 2010: 320).

Desse modo, afirma o antropólogo, “‘força’ e ‘fraqueza’ de fibras ou substâncias, ‘força’ e ‘fraqueza’ de sentimentos ou de caráter enovelam-se em intrincadas rendas de sentido e valorização” (DUARTE, 2010: 317-8). Ou, para condensar com as palavras de Henrique Roxo (1877-1969), psiquiatra contemporâneo de Mário de Andrade, “a um sistema nervoso bem nutrido e desenvolvido deve corresponder uma personalidade nítida e acentuada” (ROXO, 1916 – *apud* DUARTE, 2010: 318).

Como que confirmando a percepção de Beard pelo lado do avesso, o psiquiatra brasileiro Henrique Roxo também apontava uma correlação entre o grau de civilização de um país e a incidência de doenças nervosas em sua população. Sendo assim, quanto mais civilizado um país, mais preparados estarão seus nacionais para digerir a vida moderna em seus nervos (cf DUARTE, 2010: 318). Neste caso, podemos pensar a “civilização” como um estofo que possibilita aos indivíduos absorverem os influxos da metrópole. Para o psiquiatra, no início do século XX o Brasil vivia, nas suas grandes cidades, uma propensão ao aparecimento de nervosos, fruto da imaturidade da nossa civilização, ou, em outros termos, de uma discrepância entre os influxos da vida moderna e a constituição nervosa dos indivíduos.

Com este quadro em mente, é possível compreender as queixas e descrições de Mário de Andrade em cartas para os amigos como a incorporação do diagnóstico de “neurastenia aguda”. Nessa linha, é interessante observar que Mário de Andrade se referia constantemente ao fato de ter uma constituição nervosa fraca, ao mesmo tempo em que manifestava uma força de vontade férrea para continuar trabalhando e escrevendo. O objetivo da apresentação é acompanhar, então, a impressão deste traço na identidade de Mário de Andrade.

Nervos fracos, vontade forte

Mário de Andrade considerava a experiência do adoecimento em 1913 tão marcante que a opção pela literatura não fora a sua única transformação e que, na realidade, teria passado por uma mudança de todo o seu ser. Em carta de 1927 dirigida a Rui Ribeiro Couto, referindo-se a sua crise e o processo de recuperação, contava: “um dia tive fome. Outro dia tive sono. E estou aqui. O mesmo de dantes não. Estou aqui o Mário de Andrade que vocês conhecem” (Carta, 1927). Considerava, inclusive, que nunca ficara completamente curado, pois “ficara sempre uma insônia e uma debilidade física que jamais corrigi inteiramente” (Carta, 1927).

Nesta linha, Mário de Andrade passará a se identificar como um indivíduo “neurastênico”, tendo que aprender a lidar pelo restante da vida com os seus “nervos”. Em carta endereçada a Carlos Drummond de Andrade, escrita em 14 de outubro de 1926, Mário de Andrade observa:

O diabo é que qualquer doença me declancha uma neurastenia danada que está sempre preparadinha pra aparecer e contra a qual eu reajo todo dia (ANDRADE, 2002: 248).

Desse modo, é como se, na sua própria percepção, a neurastenia já fizesse parte de Mário de Andrade, “porém – como escreve em outra carta a Drummond – aprendi a sarar” (ANDRADE, 2002: 113). Por sua vez, o amigo mesmo passa a perceber Mário de Andrade como um sujeito constantemente doente, mas que demonstra uma extrema força de vontade para não se deixar abater. Após saber de uma cirurgia a que fora submetido o escritor paulista, Drummond escreve de Itabira, no dia 7 de outubro de 1926:

Uma operação é sempre uma coisa de que assusta a gente, mesmo depois de acabada. Imagino o seu estado de espírito naturalmente em correspondência com o abatimento físico. Mas você, que é um bicho pra viver, deve estar vivendo com um gozo intenso esses dias de convalescença, não é? Tenho muita confiança na sua força. Por isso não preciso consolá-lo. E mesmo na dor invejo você. Sou fraco e covarde... (ANDRADE, 2002: 246).

Nesse sentido, acredito que seja possível afirmar que a ideia de um sujeito doente, de nervos fracos, que, por outro lado, cultivava uma vontade forte, foi, cada vez mais, se enlaçando à identidade de Mário de Andrade.

Autopsicoterapia e reeducação moral

Mário de Andrade incorpora o diagnóstico de neurastenia e, por isso mesmo, desenvolve maneiras de conviver com suas insuficiências e mesmo neutralizá-las. Um bom exemplo desse exercício constante é o papel que atribui ao livro do médico Antonio Austregesilo. Segundo Mário de Andrade escreve a Ribeiro Couto, em carta de 20 de janeiro de 1927, “quem me ensinou a dormir palavra que foi Austregesilo com a Cura dos Nervosos” (Carta, 1927).

Antonio Austregesilo (1876-1960) era um importante psiquiatra da época e hoje é considerado um dos principais introdutores da psicanálise no Brasil, bem como o autor dos primeiros estudos de neurologia no país. Em 1928 publicará *A Neurastenia sexual e seu tratamento*, enquanto, em 1916, publicara *A Cura dos Nervosos*, o livro a que Mário de Andrade faz referência e que era dirigido a leigos, consistindo no que hoje talvez pudéssemos chamar de auto-ajuda. No caso, uma ajuda para que indivíduos se diagnosticassem como nervosos, soubessem que precisavam conviver com as manifestações dos seus nervos e, finalmente, aprendessem técnicas que permitissem esta convivência.

Segundo Antonio Austregesilo, “as duas forças predominantes do espírito são a *vontade* e a *imaginação*” (AUSTREGESILO, 1943: 159). Enquanto a primeira origina-se do consciente, a segunda brota do sub-consciente. Quanto as duas forças entram em conflito, “a imaginação vence sempre a vontade” (AUSTREGESILO, 1943: 159), e o nervoso sofre pela “imaginação doentia”, que faz com que seja “levado a pensar no órgão ou no sintoma automaticamente, e forma isto, bastas vezes, hábito igual ao uso do fumo, do café, ou da morfina”: “pensar nos órgãos e senti-los quando não há lesão é um vício como outro qualquer” (AUSTREGESILO, 1943: 24). É a partir desse mecanismo que se dá a ligação entre o mental e o físico, fazendo com que o doente dos nervos sinta-se fisicamente doente ao imaginar que seus órgãos, como o cérebro, o estômago, o intestino, por exemplo, não funcionam bem.

Austregesilo era um exemplo de médico que portava a concepção de que um sistema nervoso fraco exigia do indivíduo uma vontade forte. Desse modo, considerava

7

que “educação moral” era o caminho, senão para a cura, para se aprender a conviver com a doença. Daí o sentido de escrever um livro dirigido diretamente aos nervosos.

Para Austregesilo, por sua constituição física, seu sistema nervoso, alguns indivíduos estariam mais propensos que outros a desencadear um processo de adoecimento nervoso. De todo modo, ninguém se encontrava totalmente infenso a uma crise nervosa, pois todos estariam sujeitos a seus elementos detonadores, como o excesso de trabalho ou fortes comoções, as mesmas causas, aliás, a que Mário de Andrade atribuiu o fato de sua neurastenia “declanchar”, para usar sua expressão: estudo e trabalho excessivo e a morte do irmão, de “supetão”.

Para a reconstituição de um indivíduo nervoso em uma personalidade nítida e acentuada, com um sistema nervoso bem nutrido, Antonio Austregesilo propõe que a “base está na educação moral” (AUSTREGESILO, 1943: 64), que consiste “ou na educação da vontade ou na boa diretriz da imaginação” (AUSTREGESILO, 1943: 159). Originando-se do consciente, a vontade é mais maleável e, assim, pode ser bem dirigida e cultivada. Contudo, por outro lado, esta intervenção pode provocar mais tensão no indivíduo nervoso, pois, nas palavras do autor, “os grandes esforços da vontade podem agravar a fobia, o escrúpulo, a dúvida ou a obsessão” (AUSTREGESILO, 1943: 159). Por sua vez, a imaginação, menos maleável por ser originária do subconsciente, pode ser um caminho mais longo, porém mais seguro para o tratamento dos nervos. Desse modo, segundo Austregesilo,

Os preceitos da auto-sugestão baseiam-se especialmente em educar o subconsciente, ou melhor, a imaginação. [...] Os melhores momentos para praticar a auto-sugestão são a passagem da vigília para o sono, o despertar. O paciente procurará repetir para si, em forma de prece, as idéias sãs, contrárias às idéias doentes (AUSTREGESILO, 1943: 159).

Além disso, a reeducação moral pode se dar por meio da psicoterapia, em que o médico pode explicar ao paciente seus “temores psíquicos”. O tratamento moral consiste, fundamentalmente, “em raciocinar calmamente a propósito de cada comoção, escrúpulo, dúvida, ou fobia” (AUSTREGESILO, 1943: 65).

A incorporação, por parte do paciente, do tratamento psicoterápico e também das técnicas de educação moral faz parte do que Antonio Austregesilo propunha como “auto-psicoterapia” (AUSTREGESILO, 1943: 149). Portanto, o livro

8

lido por Mário de Andrade, *A Cura dos Nervosos*, consistia exatamente em uma aplicação prática de sua estratégia, pois conforme o autor escreve no prefácio à primeira edição,

Este livro é escrito para os doentes. A linguagem simples, despretenciosa e desataviada de noções científicas de gravidade, está indicando o fito do volume. [...] São conselhos úteis aos pacientes que, às vezes, sofrem muito sem saberem que o remédio está perto deles (AUSTREGESILO, 1943: xxiii).

O livro, portanto, consistia em um caminho para a prática da auto-psicoterapia, quando os “doentes podem por si, com a leitura atenta dos autores que tratem seriamente do assunto, curar-se inteiramente, ao menos muito melhorarem” (AUSTREGESILO, 1943: 66).

A aproximação de Mário de Andrade em relação ao médico é explicitada ao escrever a Ribeiro Couto que aprendera a dormir por meio da leitura de *A Cura dos Nervosos*. No livro, diga-se de passagem, há um item intitulado “Insônia”, no qual o autor estabelece algumas “regras indispensáveis”, a começar que “o paciente, ainda que não possa dormir, deve ficar na cama” (AUSTREGESILO, 1943: 72). E sintetiza suas técnicas com a imagem segundo a qual “o sono é como um pombo: vem, se o não procurais; foge, se quereis pegá-lo” (AUSTREGESILO, 1943: 73).

Tio Pio: o outro, o mesmo

Além do combate à insônia, as descrições que Mário de Andrade faz de sua doença nas cartas endereçadas aos amigos são muito próximas das descrições feitas por Austregesilo. Em carta de 29 de maio de 1931, Mário de Andrade relata a Manuel Bandeira que “os médicos chegaram a não dar nada mais por mim, médicos de moléstias de nervos e o diabo. Não comia, não dormia e com os sintomas característicos de neurastenia negra, ódio de minha mãe, de todos os meus etc” (ANDRADE, 1931). De modo semelhante, no seu livro, Antonio Austregesilo apontava que seus “pacientes acusam-se de indiferença pela família; sentem ausência íntima de amor dos esposos, filhos, e habitualmente contra as pessoas mais caras é que surgem as irritações, os ódios, os caprichos” (AUSTREGESILO, 1943: 62).

9

Austregesilo aponta também para a importância que uma pessoa próxima pode ter no processo de melhora do indivíduo nervoso. Para ele, “o paciente tem necessidade [...] de qualquer pessoa que lhe conquiste ascendência moral. Às vezes, a esposa, o irmão, o amigo, o sacerdote ou o clínico são elementos benéficos e indispensáveis para as melhoras e curas” (AUSTREGESILO, 1943: 149). Não é exagero dizer que, no caso de Mário de Andrade, esta pessoa foi Pio Lourenço Corrêa. Conforme relata Gilda de Mello e Souza,

Em carta a Manuel Bandeira de 29 de maio de 1931 [Mário de Andrade] relata como foi o bom senso de um tio que o salvou: pegou nele, levou-o para a fazenda em Araraquara, deixou-o lá sozinho, aparecendo de tempos em tempos para saber se não estava precisando de nada e ia-se embora. Quando Mário voltou da fazenda, estava curado. É esta a primeira vez que a mão amiga de Pio Lourenço intervém no seu destino. (MELLO E SOUZA, 2009: 19-20).

Nascido em 1875, Pio Lourenço Corrêa era casado com Zulmira, prima de Mário de Andrade, além de ser extremamente próximo do seu pai, Carlos. A proximidade das famílias e a diferença de idade de quase vinte anos, fez com que Mário de Andrade sempre o tratasse como Tio Pio. A relação entre os dois é cultivada em troca de cartas que se inicia em 1917, o ano de estréia, aliás, de Mário de Andrade na literatura, com seu *Há uma gota de sangue em cada poema*. Lembrando que o escritor estabelecia um nexos casual entre sua crise nervosa e ato de versificar, não deixa de ser curioso o fato de que a correspondência tenha início com uma dedicatória de Mário de Andrade no exemplar do livro endereçado a Pio, em que escreve: “Não sei se lhe será agradável saber que o seu tribunal é porventura um dos que mais temo” (Cf GUARANHA, 2009: 34).

Ao lado disso, é de se notar que a troca de cartas tem início meses após a morte do pai de Mário de Andrade, ocorrida em fevereiro de 1917. Como observa Gilda de Mello e Souza, “dois acontecimentos familiares – duas mortes – foram decisivos na aproximação dessas duas pessoas tão diversas quanto a temperamento, concepção de vida, normas de conduta, preferências intelectuais e artísticas, idéias políticas” (MELLO

10

E SOUZA, 2009: 19).² A primeira morte, que se dá em 1913, é a do irmão mais novo de Mário de Andrade, que detona sua crise nervosa e o leva a se refugiar no sítio do parente. Enquanto a segunda, a do pai, em 1917, antecede a busca de correspondência com o Tio Pio.

As cartas prosseguem até a morte de Mário de Andrade, em 1945, formando um conjunto de quase duzentas correspondências, em que aparecem críticas literárias, conversas sobre a língua portuguesa, informações sobre expressões e costumes e solicitações de bibliografia. Depois de quase quinze anos de correspondência, em carta com data de 11 de maio de 1931, ao saldar o tio por seu aniversário, Mário de Andrade se permite explicitar – em um “desabafo saído com toda a espontaneidade e que teve a enorme utilidade de me botar bem no meu lugar” – toda a importância que o amigo assumira em sua vida. Escreve Mário de Andrade ao Tio Pio:

Embora seja muito mais fácil a gente contar por carta o que sente, sempre me prende agora um tal ou qual pudor de lhe dizer tudo o que o senhor representa pra mim, prefiro me guardar; tanto mais que a continuidade inalterável da minha maneira de ser pra com o senhor, prova bem que a sua amizade me honra e é utilíssima. Ora, me parece que dignificar e ser útil são as mais preciosas qualidades que um homem pode ter nesta nossa Terra. São qualidades suas pra comigo, qualidades que me fizeram buscá-lo, apesar de nossas diferenças de idade e de experiências de vida (Pio & Mário, 2009: 182).

Uma vez desvelada a amizade num grau que não aparecera nas cartas até então, com a contraposição entre a firmeza moral do tio e suas inconstâncias, Mário de Andrade revela o modo pelo qual, como num castelo de cartas, sua identidade apóia-se na figura que lhe representa o primo. Nas palavras de Mário de Andrade,

Às minha ‘loucuras’, fantasias, curiosidades, a sua simplicidade sistematizada de ser deu maior paciência, mais precisão de fortificarem-se no estudo; à minha sensibilidade o senhor e sua vida trouxe novos lados, desconhecidos antes, por onde ela se experimentasse e enriquecesse; e finalmente à riqueza milionária das minhas fraquezas veio a sua belíssima e

² Mário de Andrade compararia sua reação diante das duas mortes em carta de 9 de maio de 1939, endereçada a Sérgio Milliet. Após sofrer “horripelmente” com a morte do pai, “logo me ergui de novo. Não é como o meu irmão que morreu e cuja morte até hoje me faz sofrer” (Carta de Mário de Andrade a Sérgio Milliet, Rio de Janeiro, 9 de maio de 1939. In DUARTE, Paulo. *Mário de Andrade por ele mesmo*. São Paulo: EDART, 1971. p.320).

tão nobre atitude moral pôr freios, que uma educação muito imperfeita, mesmo coma as tradições paterna e religiosa, creio que não seriam suficientes para refrear (Pio & Mário, 2009: 182).

Para além da formação moral, Mário de Andrade contrapõe a figura do artista que ele é, com a do fazendeiro, norte da família, que Tio Pio representava.

Em vidas muito acidentadas e muito cheias de precariedade derivadas da curiosidade do mundo e da paixão por ele, como são no geral as vidas dos artistas e é esta minha, nada faz tanto bem, nada repõe a gente dentro da sua mais perfeita e sobrenatural finalidade que a presença dum homem de nobreza inflexível. A gente se garante nesse refúgio e cobra forças pra não derrapar definitivamente (Pio & Mário, 2009: 182).

Nesse sentido, podemos sugerir que Tio Pio foi para Mário de Andrade a pessoa que lhe conquistou “ascendência moral”, conforme Austregesilo julgava necessário para um neurastênico. Contudo, não apenas de contraposição se constituía esta relação, pois ambos se encontravam na experiência comum da doença nervosa. Em carta de 29 de maio de 1931, endereçada a Manuel Bandeira, Mário de Andrade se referia ao tio como uma “espécie de neurastênico de profissão” (MORAES, 2001: 508). Seguindo esta trilha é possível analisar a relação entre Mário de Andrade e Pio Lourenço também a partir desse viés, dessa identificação na doença de “nervos”.

Em texto sobre seu tio-avô paterno, Gilda de Mello e Souza comenta esta faceta de Pio Lourenço:

estudos interrompidos, acomodações de carreira, epidemias e crises políticas, graves problemas familiares, tudo isso deixou marcas na sensibilidade exacerbada de Pio Lourenço e foi provavelmente responsável pelos males que o vão acompanhar pela vida afora: ciática, dor de estômago, depressões nervosas, temperamento progressivamente solitário (MELLO E SOUZA, 2009: 18).

Anos depois da primeira crise de Mário de Andrade, já após 1938 e sua saída do Departamento de Cultura de São Paulo, ou seja, já durante nova e profunda crise depressiva do escritor,³ o próprio Pio Lourenço fará referência a sua neurastenia.

³ Sobre esta nova e intensa crise de Mário de Andrade ver MORAES. Eduardo Jardim de. *Mário de Andrade: a morte do poeta*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. Ao tratar dos últimos anos do autor em seu *Mário de Andrade: a morte do poeta*, Eduardo Jardim elenca uma série de cartas em que o autor descreve aos próximos seu estado desde a sua saída do Departamento de Cultura de São Paulo e sua

12

Então, preocupado com as ideias suicidas manifestadas por Mário de Andrade, na sua resposta de 12 de abril de 1940, Pio Lourenço recorda de antigo conselho de seu médico:

Eu conheço, por experiência, essas equimoses deprimente. Em 1910 e 1911, ia quase sucumbindo, quando um médico amigo (o Dr. Carlos Botelho) me deu esta receita milagrosa: – ‘Não se suicide, este é o único perigo a que V. está exposto; o resto passa’. E passou. E recaí. E passou de novo. E recaio freqüentemente – mas lanço mão da receita que ainda conservo comigo: não me suicido ... (Pio & Mário, 2009: 337).⁴

Portanto, é com grande conhecimento de causa e, ao mesmo tempo, da personalidade de Mário, que Pio procura analisar sua nova crise: “dotado de nervos sensibilíssimos, V. recebe os choques e os encontrões da massa humana que o rodeia, e obstrui o caminho, com redobrada violência. A continuidade desses obstáculos, que a todos nos contraria, está fazendo mal a V” (Pio & Mário, 2009: 337).

Feito o “diagnóstico”, Pio Lourenço já tem a prescrição e convida Mário de Andrade para passar uns dias em sua fazenda, em Araraquara. Escreve:

Venha cá descansar, tomar fitina, comer ovos frescos, pescar lambaris, ler as *Peregrinações*, escrever artigos em ambiente perfumado de murtas e magnólias, rodeado dos ‘pequenos barulhinhos que constituem o grande silêncio’ e verá desaparecerem, na poeira das estradas do São Frco e do Matão, as equimoses subjetivas que mancham a alma e prejudicam a saúde do corpo (Pio & Mário, 2009: 337).

Na sequência, é a seu médico, Carlos Botelho, que Pio Lourenço se refere e lembra dos seus conselhos para conviver com sua neurastenia, nos idos de 1910. De qualquer modo, não parece demasiado forçado, fazer referência mais uma vez aos conselhos de Antonio Austregesilo, em seu livro de 1916: “aos deprimidos urge repouso, superalimentação, permanência em lugar de campo ou praia, cercado de flores,

transferência para o Rio de Janeiro. Seu estado remete a muitas das mesmas características que descrevia para sua crise na juventude.

⁴ Não é de surpreender que a referência ao combate a ideia de suicídio é uma constante no livro de Austregesilo, que, a certa altura, escreve: “Nenhuma ideia de moléstia deve conduzir-nos ao desejo de morte ou do suicídio; estes anelos ou são interjeições censuráveis, ou fraqueza da alma humana, ou egoísmo. Devemos viver e ter coragem para as estações da existência, isto é, inverno e verão, primavera e outono, que sintetizem os períodos de bom e mau humor, da coragem e dos condenáveis desânimos” (AUSTREGESILO, 1943: 30).

13

de árvores, de paisagens alegres. O contato com a natureza é estímulo salutar para a vida e para a cura dos nervosos” (AUSTREGESILO, 1943: 149).

Considerações finais

Como já observado, foi na Fazenda Santa Isabel, em Araraquara, que Mário de Andrade recuperou-se da sua crise nervosa de 1913. Em seguida, é a chácara da Sapucaia, nas imediações da cidade de Araraquara, que costumava visitar e que passou muitas de suas férias. Aliás, nunca é demais notar que foi lá, na chácara, este lugar de “pequenos barulhinhos que constituem o grande silêncio”, que foi escrito *Macunaíma*. De fato, Mário de Andrade costumava associar Sapucaia a “momentos poderosos de criação”. Contudo, no caminho que venho sugerindo nesse texto, vale salientar a ligação entre a chácara e a saúde. Como Mário escreve ao tio em 13 de julho de 1943, já em seus últimos e difíceis anos de vida:

É difícil imaginar o que Araraquara e sobretudo essa chácara representam pra mim. Refortalecimento do corpo, do espírito, férias felizes, refúgio disfarçado de lutas, de dúvidas, de sofrimentos. [...] Ninguém pode imaginar. Araraquara com a chacra da Sapucaia participam de minha vida e do que eu sou, quase tanto como esta rua Lopes Chaves (Pio & Mário, 2009: 400).

Tanto a fazenda participava da vida de Mário e fazia parte do que ele era que, em mais de um momento e a mais de um amigo, confidenciou que a cura da sua crise nervosa de 1913 na fazenda do Tio Pio foi determinante para sua identidade de escritor. Na carta escrita a Manuel Bandeira, em 29 de maio de 1931, considerava que ficou curado graças ao Tio, mas completava:

Só que voltei poeta da fazenda. Sem nunca ter nem me preocupado em ler com prazer os poetas, já mesmo antes de ir pra fazenda, tinha dado em mim essa coisa esquisitíssima, talvez sintoma de loucura, uma mania de fazer versos. Foi assim (MORAES, 2001: 508).

Referências bibliográficas

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Carlos e Mário: correspondência entre Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade: 1924-1945*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi Produções Literárias, 2002.
- ANDRADE, Mário de. *Paulicea Desvairada*. São Paulo: Casa Mayença, 1922. [Edição Fac-símile]
- ANDRADE, Mário de. (1927) Carta de Mário de Andrade a Rui Ribeiro Couto. São Paulo, 20 de janeiro de 1927 (Fundo Rui Ribeiro Couto. Fundação Casa de Rui Barbosa).
- ANDRADE, Mário de. (1931) Carta de Mário de Andrade a Manuel Bandeira, São Paulo, 29 de maio de 1931. In MORAES, Marcos Antonio de (Org.). *Correspondência: Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, USP, 2001. p.508.
- AUSTREGESILLO, Antonio. *A Cura dos Nervosos*. 8.ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1943.
- CARRARA, Sérgio e RUSSO, Jane. “A psicanálise e a sexologia no Rio de Janeiro de entreguerras, entre a ciência e a auto-ajuda”. *História, Ciência, Saúde – Manguinhos*. vol.9(2): 273-90, maio-ago. 2002.
- DUARTE, Luiz Fernando. O nervosismo como categoria nosográfica no começo do século XX. *História, ciência, saúde - Manguinhos*. 2010, vol.17, suppl.2, pp. 313-326.
- DUARTE, Paulo. *Mário de Andrade por ele mesmo*. São Paulo: EDART, 1971.
- GUARANHA, Denise. Nota explicativa. In *Pio & Mário: diálogo da vida inteira*. A correspondência entre o fazendeiro Pio Lourenço Corrêa e Mário de Andrade, 1917-1945. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul; São Paulo: SESC SP, 2009.
- JUSTINO, Dom. Neurastenia (recentes contribuições ao seu estudo). *História, ciência, saúde - Manguinhos*. 2010, vol.17, suppl.2, pp. 582-585. [Publicado originalmente em *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal*, Rio de Janeiro, n.3-4, 1907, p.388-395]
- LOPEZ, Telê Ancona. *Mário de Andrade: ramais e caminho*. São Paulo: Duas Cidades, 1972.
- MELLO E SOUZA, Gilda de. O arcaico e o moderno: história de uma amizade. In *Pio & Mário: diálogo da vida inteira*. A correspondência entre o fazendeiro Pio Lourenço Corrêa e Mário de Andrade, 1917-1945. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul; São Paulo: SESC SP, 2009. pp.15-31.
- MICELI, Sergio. “Experiência social e imaginário literário nos livros de estréia dos modernistas de São Paulo”. *Tempo Social*. São Paulo, junho de 2004. p.197.
- _____. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MORAES, Marcos Antonio de (Org.). *Correspondência: Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, USP, 2001.
- MORAES, Eduardo Jardim de. *Mário de Andrade: a morte do poeta*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

15

Pio & Mário: diálogo da vida inteira. A correspondência entre o fazendeiro Pio Lourenço Corrêa e Mário de Andrade, 1917-1945. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul; São Paulo: SESC SP, 2009.

ROSENBERG, Charles. "The Tyranny of Diagnosis: Specific Entities and Individual Experience". *Milbank Quarterly*. Vol. 80, N. 2: 237-260, June 2002

ROXO, Henrique de Brito Belford. Nervosismo. *História, ciência, saúde - Manguinhos*. 2010, vol.17, suppl.2, pp. 654-668. [Publicado originalmente em *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal*, Rio de Janeiro, n.1-2, 1916, p.73-106]